

28, 29 e 30
de Outubro



XVI SENPEX

Inclusão e Diversidade Científica:
Democratizando o Conhecimento

O TRABALHO DAS MULHERES RURAIS NA FUMICULTURA

Agroveterinárias

Eduarda Honorato Hert¹; Teresinha Baldo Volpato²; Janaina Veronezi Alberton³; Luiza L. Bressan da Costa⁴; Vania Nuerberg⁵; Ramon Beza⁶; Darlan Rodrigo Marchesi⁷

¹ Unibave. e-mail eduardahert@outlook.com

² Unibave. e-mail baldotere@yahoo.com.br

³ Unibave. e-mail janaina.alberton@unibave.net

⁴ Unibave. e-mail luizalbc@yahoo.com.br

⁵ Unibave. e-mail vania@auriverde.com.br

⁶ Unibave. e-mail ramonbeza@hotmail.com

⁷ Unibave. e-mail darlanmarchesi@hotmail.com

Resumo: A fumicultura é uma atividade crucial para o desenvolvimento das propriedades rurais na região Sul do Brasil, importante fonte de renda para muitas famílias. Porém, apresenta diversos impactos e riscos, principalmente à saúde. Este artigo teve como objetivo analisar como as mulheres rurais significam seu trabalho dentro da fumicultura e descrever seu cotidiano, identificar dificuldades e aspectos ligados à saúde da mulher que trabalha na atividade. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, do tipo qualitativo, não probabilístico. A coleta de dados se deu através de entrevista semiestruturada com 10 agricultoras escolhidas aleatoriamente, conforme acessibilidade da pesquisadora. A análise se deu por meio de categorias como: trabalho de mulheres na fumicultura, trabalho de mulheres e saúde e sobrecarga de atividades das mulheres. Os resultados mostraram que o trabalho na fumicultura é significativo para a família e as mulheres se dedicam em todo o processo de produção.

Palavras-chave: agricultura familiar; fumicultura; mulheres rurais.

Introdução:

A fumicultura é a atividade agrícola relacionada ao cultivo do tabaco (*Nicotiana tabacum*), planta utilizada principalmente na produção de cigarros e outros produtos

relacionados ao tabagismo. O Brasil é um dos maiores produtores de tabaco do mundo, especialmente nos estados do Sul, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No trabalho publicado pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - EPAGRI/CEPA (2024), observa-se uma tendência a diminuição da área plantada e da produção de tabaco no mundo.

De acordo com Cargnin *et al.* (2016), a fumicultura causa problemas de saúde, intoxicação por agrotóxicos e problemas de coluna devido ao esforço físico, principalmente à época da colheita. Os trabalhos de Ramos *et al.* (2018), indicam que mesmo que o cultivo do tabaco tenha maior retorno financeiro, o mesmo exige maior força de trabalho e traz maiores riscos à saúde, levando em conta o contato direto com agrotóxicos e com a própria folha da planta.

As mulheres rurais representam um quarto da população mundial. No entanto, a sua contribuição com a economia rural é frequentemente subestimada e o seu papel na agricultura de subsistência, muitas vezes, não é remunerado. Siliprandi e Cintrão (2015) apontam que o conceito de agricultura familiar deixa claro que a execução dos trabalhos e a gestão da propriedade são realizados pela família, como um todo. Porém, na prática, a organização e a divisão dos trabalhos estão diretamente relacionadas às relações de gênero e de geração.

A agricultura familiar possui características próprias, conforme aponta Wanderley (1996, p. 2), “a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”, como uma associação entre pessoas da família que tiram o seu sustento da atividade agrícola e pecuária, produzem parte dos alimentos para o autoconsumo, tendo seu excedente para comercialização. Assim, o seu patrimônio é a terra e a sua família são os trabalhadores (homens, mulheres, jovens e crianças) que vivem na propriedade.

Conforme descrevem Nobre *et al.* (2017), a vida das mulheres rurais é marcada pela sobrecarga de trabalho, muitas vezes, pela invisibilidade do trabalho que realizam no lar (trabalho doméstico e de cuidados), e também pela falta de autonomia econômica e tomada de decisão.

A atividade de fumicultura, como técnica de cultivo, tem como etapas de desenvolvimento: a produção de mudas, preparo do solo, transporte de mudas, tratamentos culturais, colheita, cura/secagem, pré-classificação e enfardamento.

Estas etapas, em grau maior ou menor acabam trazendo danos à saúde, pois conforme Cargnin *et al.* (2016) a ação dos agrotóxicos está associada a todas as fases

de cultivo e causam agravos à saúde dos fumicultores, podendo causar intoxicação aguda e crônica, que se apresentam clinicamente por espasmos musculares, convulsões, náuseas, desmaios, vômitos, diarreia e dificuldade respiratória. Carvalho (2006), aponta algumas consequências à saúde dos trabalhadores, mesmo que para trabalhar neste tipo de produção há exigências em relação ao uso de equipamentos de proteção EPIs - Equipamentos de Proteção Individual – EPI.

Além das tarefas realizadas na lavoura, as mulheres carregam a responsabilidade do trabalho doméstico não remunerado, muitas vezes sendo realizados sem nenhuma ajuda, acarretando mais tarefas. Assim, este artigo é fruto de uma pesquisa realizada junto as mulheres rurais do município de Grão-Pará/SC e busca responder ao seguinte questionamento: Qual o significado que as mulheres rurais atribuem ao seu trabalho na fumicultura?

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como as mulheres rurais significam seu trabalho dentro da fumicultura e, especificamente, descrever seu cotidiano; identificar dificuldades e aspectos ligados à saúde da mulher que trabalha na atividade; compreender a importância do trabalho das mulheres rurais na atividade de fumicultura, em propriedades da agricultura familiar; pontuar as demais atividades realizadas pelas mulheres em seu cotidiano e identificar as dificuldades enfrentadas por elas no desenvolvimento da atividade de fumicultura e quais as facilidades dessa atividade, descritas por meio de relatos das próprias mulheres.

Procedimentos Metodológicos

O modelo teórico da pesquisa foi o dialético, por considerar os sujeitos como seres sociais e históricos, criadores e transformadores de sua realidade. Visando alcançar os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa exploratória, descritiva, do tipo qualitativo, não probabilístico.

O cenário de estudo foram as famílias rurais que trabalham na atividade de fumicultura, residentes no município de Grão-Pará/SC. Foram identificadas 386 propriedades envolvidas na atividade, de acordo com o levantamento exploratório, sendo a comunidade com maior concentração de produtores composta por 30 famílias. Dessa forma foram selecionadas, da comunidade com maior número de famílias, 10 mulheres, caracterizando-se uma amostragem não probabilista por acessibilidade.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, em que a pesquisadora utilizou de um roteiro com algumas perguntas chaves para conduzir a entrevista, sendo utilizado o seguinte protocolo de pesquisa: 1) dados de identificação da família; 2) Além do fumo, que outras atividades exerce na propriedade, (em casa ou na propriedade?); 3) Vantagens de trabalhar com fumicultura; 4) Recebe ajuda para realizar as outras atividades; 5) Quais as dificuldades em trabalhar com a fumicultura; 6) Dedica tempo para cuidar de si mesma; 7) Disponibiliza tempo para descanso, lazer e férias; 8) Já sofreu algum acidente de trabalho; 9) Em caso de doença foi trabalhar mesmo assim ou alguém o substitui quando isso aconteceu; 10) Gostaria de falar mais alguma coisa sobre seu dia a dia na fumicultura.

Em relação aos aspectos éticos foi preenchido o termo de livre consentimento, o qual foi assinado pela participante, em seguida realizada a entrevista. Utilizou-se a indicação numérica '01, 02, 03" para as entrevistadas, evitando assim a identificação da mesma.

Quanto aos critérios de inclusão, fez parte deste estudo a mulher cuja atividade na propriedade estava diretamente ligada à fumicultura. Caso a família selecionada não assinasse o termo de livre consentimento, o roteiro da entrevista não seria aplicado, passando imediatamente à família seguinte. E, por fim, selecionaram-se mulheres maiores de 18 anos, que atuam diretamente na atividade.

A análise e interpretação dos resultados se deu por meio da compilação e descrição dos dados obtidos e foram descritos de acordo com as categorias de análise: trabalho de mulheres na fumicultura, trabalho de mulheres e saúde, sobrecarga de atividades das mulheres.

Conforme as normas éticas previstas na Resolução 466/12 que discorre sobre ética em pesquisas com seres humanos para as ciências humanas e sociais, as participantes da pesquisa não foram identificadas e foram esclarecidas sobre sua participação e sobre os objetivos, sendo que tiveram a opção de desistir da participação a qualquer tempo. As participantes, ainda, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também, cabe dizer que este trabalho foi submetido ao comitê de ética em pesquisa com seres humanos do UNIBAVE e aprovado sob o Parecer número: 6.925.880 CAAE: 80755124.1.0000.5598.

Resultados e Discussão

Nosso campo de pesquisa foi o município de Grão Pará/SC. Com o propósito de iniciar o processo de colonização das terras aos imigrantes europeus. O município nasceu a dois de dezembro de 1882, Ascari (2020 p. 86), e foi escolhido para sede central da Colônia Imperial, recebendo como nome Grão-Pará. Foi uma homenagem dos Príncipes Imperiais: Conde d'Eu e Princesa Isabel Cristina ao filho primogênito: Dom Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança, o Príncipe Grão-Pará.

Localiza-se na região sul do Estado de Santa Catarina, possui uma área territorial de 338,156 Km² e uma população IBGE, (2022), de 6.277 habitantes e está a uma altitude de 93 metros acima do nível do mar.

Sua economia básica vem da suinocultura e a agricultura, tendo como cultura principal o fumo, seguida pelo milho e feijão. Destaca-se, também, pela fruticultura, piscicultura, apicultura; na pecuária com a criação de bovinos e produção de leite, além da avicultura com a criação de aves para o abate.

O solo é bastante acidentado, possuindo características que possibilitam o cultivo de diversos produtos agrícolas. O município também é circundado por algumas serras: a Serra Geral, com seus contrafortes, caracteriza a topografia do território do seu município. A passagem rodoviária na Serra Geral, denominada Estrada da Serra do Corvo Branco e a Janela Furada, uma formação natural que se encontra localizada no Parque Estadual da Serra Furada são atrações pela sua beleza natural. A vegetação é marcada pelos serrados e capoeiras. Uma parte do terreno está em cultivo. A mata nativa tem sido preservada em grande parte até os dias atuais. A derrubada das matas para o aproveitamento do solo é suprida pelo reflorestamento na sua maior parte com *pinus elioti* e eucalipto.

Possui 867 estabelecimentos agropecuários e, destes, 321 trabalham com atividade de fumo em folha, tendo uma produção 3.000 toneladas que são produzidas em uma área de 1.200 hectares e um rendimento médio de 2.500 kg/ha (IBGE, 2022).

O maior percentual de mulheres do município encontra-se em uma faixa de idade entre 35 a 39 anos (IBGE, 2022), no entanto a pesquisa não informa o número residente na área rural e urbana.

A atividade da fumicultura movimenta o setor produtivo no município, trata-se de uma produção com expressiva importância econômica e social, conforme dados apontados acima. São 321 famílias que têm na atividade sua principal fonte de renda

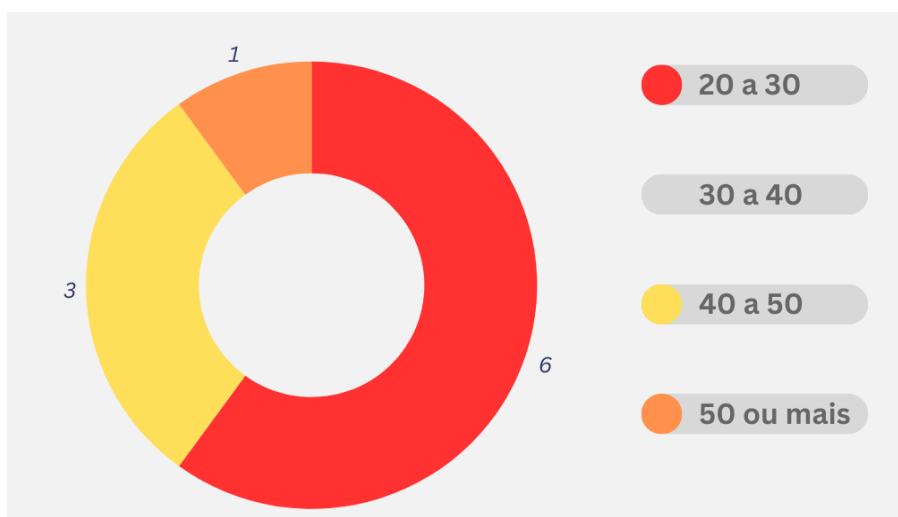
além do que, a arrecadação municipal advinda da comercialização do tabaco, faz diferença aos cofres públicos.

Apresentam-se a seguir os resultados obtidos nas entrevistas com as mulheres rurais. Fez-se uso de questionário semiestruturado que serviu como guia para as conversas com 10 agricultoras entrevistadas.

O questionário foi composto por 10 perguntas. As questões iniciais permitiram que as participantes se identificassem e, nas outras, optou-se por questões abertas, abordando o tema. Os dados são apresentados em gráfico e falas das entrevistadas para facilitar a compreensão.

Apresenta-se a faixa etária das mulheres rurais (Gráfico 01) em que foi possível observar que a maioria delas são mulheres jovens que não optaram pelo êxodo rural, ou que escolheram continuar suas vidas nas propriedades rurais.

Gráfico 1 – Faixa etária das mulheres entrevistadas



Fonte: Autoras (2024)

Percebe-se um número de mulheres jovens trabalhando na atividade, conforme apresentado, a maior parte está na faixa etária de 20 a 30 anos, seguidas de 40 a 50 anos e, em menor número, acima de 50 anos.

A seguir, interrogou-se há quanto tempo as mulheres trabalham com fumo e as respostas variaram, conforme a idade de cada uma ou das decisões que tomaram ao longo da vida. Mas foi possível observar que a maioria delas começaram a ajudar seus pais desde muito novas, conforme ressaltam as entrevistadas 05, 09 e 10.

Desde novinha, fui aprendendo trabalhar com meus pais. Mas comecei a trabalhar para mim mesma com 16 anos (Entrevistada 05).

Desde pequena, sempre olhando e ajudando para aprender a trabalhar (Entrevistada 09).

Bem dizer desde sempre ajudando, mas trabalhar mesmo comecei com 13 anos (Entrevistada 10).

Sobre as atividades que as mulheres exercem em suas propriedades, indagamos na questão de número 5. Foi possível observar que todas, sem exceções, realizam diversas atividades além da fumicultura, como cuidar dos serviços da casa, da horta e do restante da propriedade em geral, como nos comentam as entrevistadas 02, 05 e 07.

Além de ajudar no fumo, faço os trabalhos de casa, trabalhamos com piscicultura, gado de corte e também carvão (Entrevistada 02).

Além do fumo, planto milho, batata, aipim, verduras, faço os serviços da casa no geral, entre outros. São várias as atividades realizadas (Entrevistada 05).

Além do fumo, planto milho para o consumo dos animais da propriedade, tiro leite de duas vacas e faço queijo (Entrevistada 07).

A resposta das entrevistas vem ao encontro dos estudos realizados e corroboram com o que foi pesquisado por Canever, Salvaro e Estevam (2023), que apontam que a atuação na unidade familiar é diferente para homens e para mulheres. As mulheres trabalham na produção (seja de fumo, de leite ou de milho) e sempre acumulam o trabalho doméstico e de cuidado dos/as filhos/as. Os homens trabalham nas atividades ligadas à produção e de maneira mecanizada.

Dentro dessa tradição, de acordo com os estudos de Volpato (2015), o trabalho dos homens seria aquele relacionado às atividades da lavoura, como plantar, arar, colher, fazer silagem ou, ainda, ao trato dos animais, o cuidado com a gestão administrativa e financeira da propriedade. O trabalho das mulheres envolve: preparar as refeições e os lanches, fazer pães e doces caseiros, arrumar e limpar a casa, lavar e passar as roupas, cuidar do jardim, da horta e do pomar, trabalhar na roça, nas capinas e na colheita. Com os animais, suas atividades seriam tratar os bezerros, tirar o leite e colher ovos e, quando houver crianças, as mães ainda precisam arrumá-las

para irem à escola e ajudá-las nas tarefas escolares. Essas são as atividades de homens e mulheres desenvolvidas na agricultura familiar.

No caso das respostas obtidas neste trabalho, as mulheres também apontaram estas atividades, de certa forma um pouco tímidas, mas facilmente observáveis.

Ao serem questionadas se vale a pena trabalhar com fumicultura, a resposta foi unânime: todas afirmaram que vale a pena sim, apesar de ser um trabalho cansativo, conforme comentou a entrevistada 04, “para mim vale a pena, apesar de ser um trabalho bem cansativo, eu gosto do que faço” (Entrevistada 04).

Indagadas se recebem ajuda para realizarem as outras atividades da propriedade, indagação de número 6, algo que se consolidou nas falas das participantes foi que elas possuem ajuda para realizarem todas as outras atividades fora da roça. Conforme apresenta a entrevistada 05: “Eu e meu marido nos ajudamos em tudo que precisa ser feito, nós temos esse companheirismo, essa parceria” (Entrevistada 05).

Em referência à questão sobre as dificuldades em trabalhar com a fumicultura, percebe-se que são inúmeros os desafios no dia a dia. As entrevistadas 03, 04 e 09 mencionam sobre os problemas de saúde que essa atividade pode trazer, a mão de obra pesada e também outro grande desafio relatado entre todas: as condições climáticas.

Entre as maiores dificuldades posso dizer: a exposição a produtos químicos (agrotóxicos), que pode causar problemas de saúde, mesmo muitas vezes usando EPI e as condições de trabalho, que são frequentemente duras e exigentes, como dias de sol e dias de chuvas. A absorção de nicotina pela pele durante o manuseio do tabaco pode causar sintomas como náuseas e dores de cabeça até mesmo o tabaco quente causa isso (Entrevistada 03).

É um serviço basicamente braçal, pesado e exposto ao sol e chuva. O clima é nosso maior desafio e também a mão de obra é muito cara se for pagar para colher o fumo (Entrevistada 04).

Como é ao ar livre, dependemos muito do tempo, temos que rezar para dar uma boa safra (Entrevistada 09).

Em relação às considerações apontadas pelas mulheres, Arbage (2012) aponta as características estruturais da agricultura, indicando diversas questões que interferem no dia a dia do agricultor, indiferente de qual atividade desenvolva, entre elas destaca a incerteza como condição frágil da agricultura, dizendo que a produção

agrícola é de difícil previsão, pois está constantemente sob risco de intempéries. Isso confirma a preocupação das mulheres em relação à dependência das condições climáticas.

Com relação a terem tempo para cuidarem de si mesmas, conforme a questão oito, as entrevistadas relataram que em épocas de colheita do fumo é mais difícil, porém em épocas mais tranquilas, elas sempre procuram tirar um tempo para se cuidarem. As entrevistadas 02, 05 e 06 confirmam as confirmações feitas.

Muitas vezes a gente só vai levando por causa do cansaço, mas sempre tento cuidar um pouco de mim, escolhendo algum dia da semana que seja mais tranquilo de serviço (Entrevistada 02).

Na maioria das vezes sim, mas em algumas épocas do ano não, pois o serviço exige mais dedicação e horas extras (Entrevistada 05).

Tenho pouco tempo para mim, principalmente agora na época da colheita do fumo (Entrevistada 06).

Na questão nove, indagamos se as mulheres rurais teriam tempo para descanso, lazer e férias. E mais uma vez isso tudo dependerá da época do fumo e das outras atividades realizadas na propriedade e, mesmo assim, conseguem poucos dias para aproveitarem, conforme citam as entrevistadas a seguir:

Férias de uns três ou quatro dias até consigo, mais do que isso é difícil, porém sempre conseguimos sair e passear normalmente (Entrevistada 02).

Férias não, por causa do leite, mas quem trabalha só no fumo consegue se organizar e tirar um tempo para descansar. Eu consigo passear, descansar e ainda consigo fazer algum serviço voluntário (Entrevistada 04).

Sim, às vezes, conseguimos dar um passeio ou tirar uma folga, mas no tempo de colheita o serviço apura mais, aí já é mais difícil (Entrevistada 05).

Sim, quando acaba a safra do fumo, eu e meu esposo sempre fazemos alguma viagem, descansamos um pouco até começar a próxima safra (Entrevistada 08).

Sim, começo de ano sempre tenho um tempo, quando está na época de enfardar o fumo, daí tiramos um tempo para ter férias (Entrevistada 10).

Quanto às condições de trabalho, Riquinho e Hennington (2016, p. 7) comentam que “uma característica que todos concordam em relação ao trabalho no fumo é a exaustão que ele provoca. As famílias afirmam que é preciso trabalhar pelo menos umas 15 horas por dia”, por isso considera-se importante o tempo para descanso.

Na última pergunta questionamos se as mulheres já foram trabalhar doentes ou se alguém as substitui quando isso acontece. Em todas as respostas elas afirmaram que já foram trabalhar doentes, ao menos que seja caso muito grave, e quando não conseguem, os maridos e filhos fazem todo o trabalho na roça ou, se necessário, contratam mão de obra a dia. Confirmam as entrevistadas 04, 05, 07 e 08.

Sim, já trabalhei doente. Ser agricultor é assim, seu serviço tem de ser feito, alguém da família é que nos socorre quando isso acontece, aqui em casa temos um ditado: quando um fica doente o outro tá lascado. Ainda mais que trabalho só com minha família na nossa propriedade (Entrevistada 04).

Sim, já fui algumas vezes, normalmente ninguém substitui, quando não posso ir, meu marido vai fazendo sozinho e quando melhora ajudo ele (Entrevistada 05).

Trabalhar doente, por exemplo com dor muscular, ou dor de cabeça, sim. Mas quando o assunto é mais sério, daí não. Sou dona do meu trabalho, quando não posso, não vou (Entrevistada 07).

Se estou muito doente não vou trabalhar, e se necessário nós pagamos alguém (Entrevistada 08).

Os depoimentos acima correspondem com os estudos de Reis *et al.* (2017), já apontados neste trabalho, que quem se envolve nestas atividades sente dores musculares na região lombar, costas e pernas e é acometido por distúrbios osteoarticulares.

Outro aspecto que pode ser analisado dentro destas afirmações das entrevistadas de que o trabalho é cansativo, é apontado nos trabalhos de Cargnin *et al.* (2016) e reforçam que a ação dos agrotóxicos está associada a agravos à saúde dos fumicultores, enquanto o trabalho de Reis (2017) estabelece correspondência direta e clara entre problemas de saúde e uso de agrotóxicos na cultura de tabaco, relacionando desde sintomas inespecíficos (como mal-estar, dor de cabeça, tontura, nervosismo, impaciência, problemas para dormir, dor no estômago) até patologias bem definidas (dermatoses, depressão) e intoxicações por agrotóxicos.

Analisando os relatos trazidos pelas entrevistadas, percebe-se que existem muitas dificuldades na fumicultura, muitos desafios a serem enfrentados, sendo um trabalho custoso, cansativo e que exige muito tempo e mão de obra das trabalhadoras dessa área, mas ao mesmo tempo aparecem relatos de como elas gostam dessa função, se dedicam todos os dias na roça e nos afazeres de casa e ainda arrumam tempo para aproveitar um pouco a vida corrida. Cada relato mostrou que todo esforço vale a pena para elas e que todas estão dia após dia, contribuindo para o desenvolvimento do município e valorização da mulher no meio rural.

Considerações Finais

Este estudo teve como principal meta verificar como as mulheres rurais significam seu trabalho dentro da fumicultura e, especificamente, descrever seu cotidiano, identificar dificuldades e aspectos ligados à saúde da mulher que trabalha na atividade do cultivo do fumo.

O fumo é a cultura básica do município de Grão-Pará, no estado de Santa Catarina, sendo que a economia local é baseada na agricultura e na suinocultura. O trabalho, então, buscou valorizar e entender as mulheres que dedicam seu tempo e esforço nessa atividade que é tão importante para o município.

Como se observou na pesquisa, as entrevistadas relatam que é uma atividade que exige muito esforço, longas jornadas de trabalho e ainda pode trazer riscos à saúde das mesmas. No entanto, apesar de todas as queixas, elas gostam do que fazem e dão valor a toda produção.

Mesmo com tantos desafios enfrentados, as mulheres conseguem realizar outras atividades além do fumo, como cuidar da casa e dos filhos, tirar leite das vacas, manter a horta organizada, entre outros serviços na propriedade e também na comunidade.

Sobre os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres na fumicultura e participação delas em atividades gerais, constatou-se que elas têm uma sobrecarga de trabalho, mas todas contam com apoio dos maridos e dos filhos que ainda residem na propriedade. Porém, percebeu-se que elas dependem muito da época de desenvolvimento do fumo para poderem ter momentos de lazer e autocuidado.

Diante da pesquisa realizada, pode-se afirmar que a participação das mulheres na fumicultura mostra sua grande importância na atividade e desenvolvimento da

propriedade e também do município. E mesmo com todo esforço físico necessário, elas exercem papéis cruciais na atividade agrícola e como mulheres do lar.

Esta pesquisa não deve se encerrar por aqui, precisamos abolir a carência de estudos sobre a mulher do campo, valorizando e reconhecendo sua representatividade nas propriedades rurais e, principalmente, como mulheres rurais e protagonistas da agricultura familiar

Referências

ARBAGE, A. P. **Fundamentos da Economia Rural**. Chapecó: 2 ed. Argos, 2012.

ASCARI, Moisés. **Serra do Corvo Branco**. (Org.) Giovane Ascari. Grão-Pará/SC: Soller, Dezembro de 2020. 103p.

CANEVER, Daniela Tezza; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ESTEVAM, Dimas de Oliveira. **Relações de trabalho e de gênero na produção de tabaco em um município de Santa Catarina**. Criciúma, Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/XwWMvrj39vbf5W9WYjWwfj/?lang=pt>. Acesso em: 09 abr. 2024.

CARGNIN, Marcia Casaril dos Santos; TEIXEIRA, Carolina de Castilhos; MANTOVANI, Vanessa Monteiro. *et al.* **Cultura do tabaco versus saúde dos fumicultores**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/7gVkvVMyxPMRWYM7SMMRrjL/?format=html#>. Acesso em: 20 out. 2024.

EPAGRI/CEPA. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola -. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina**. v.1 1976 - Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976 – Anual. Primeira edição: Maio de 2024. Disponível em: https://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese_2022_23.pdf. Acesso em 20 out 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/grao-para/panorama>. Acesso em 20 out 2024.

NOBRE, Miriam *et al.* **Atlas de las mujeres rurales de América Latina y el Caribe: al tiempo de la vida y los hechos**. Santiago do Chile: FAO, 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i7916s.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

RAMOS, Vanessa Souza; ANGNES, Juliane Sachser; COSTA, Zoraide De. O Futuro da Fumicultura **O Jovem Rural e o Dilema da Sucessão Geracional Desenvolvimento em Questão**, vol. 16, núm. 43, 2018. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75255594020>. Acesso em: 10 abr. 2024.

REIS, Marcelo Moreno dos; OLIVEIRA Ana Paula Natividade de; TURCI Silvana Rubano Barretto; DANTAS Renato Maciel; SILVA Valéria dos Santos Pinto da; GROSS Cátia; JENSEN Teresinha; SILVA Vera Luiza da Costa e. **Conhecimentos, atitudes e práticas de agricultoras sobre o processo de produção de tabaco em um município da Região Sul do Brasil.** Cad. Saúde Pública 2017; 33 Sup 3:e00080516. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hNvqg5hQ79GRM5zhRQSnNhS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 out 2024.

RIQUINHO, Deise Lisboa; HENNINGTON, Élide Azevedo. Sistema integrado de produção do tabaco: saúde, trabalho e condições de vida de trabalhadores rurais no Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 32, n. 12, p. 1–10, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/RhFwsYSn5cKVgKLCkDZKYjq/?l%20ang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

SILIPRANDI, Emma; CINTRÃO, Rosângela Pezza. **O progresso das mulheres rurais.** Disponível em: https://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

VOLPATO, Teresinha Baldo. **JUVENTUDE RURAL, GÊNERO E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE JOVENS CATARINENSES E SEUS PROJETOS DE FUTURO.** Orientador: Tânia Mara Cruz. 2015. 94p. Dissertação de Mestrado em Educação. Unisul, Tubarão. 2015. Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/4990dd3b-4655-4a61-ba01-11b8291c6764/content>. Acesso em 20 out 2024.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: **XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 17. Processos Sociais Agrários.** Caxambu/MG, out. 1996. Anais..., 1996.